

CULTURA RURAL E RELIGIOSIDADE POPULAR: UM ESTUDO DA FORÇA PRAGMÁTICA DA PALAVRA NA COMUNIDADE SÃO DOMINGOS, CATALÃO (GO)¹

Jozimar Luciovanio Bernardo²

Resumo: no presente artigo objetiva-se, a partir da análise do discurso cultural-religioso de sujeitos da comunidade rural São Domingos, Catalão (GO), entender a força pragmática da palavra, isto é, o poder que a palavra tem de fazer acontecer. O estudo parte da pesquisa teórica acerca das variáveis cultura rural, religiosidade e linguagem. Em seguida, realizou-se a pesquisa de campo indireta para obtenção dos dados que compõem o inventário das palavras ou construções linguísticas que serviram de análise. Desse modo, na observância do terreno do sagrado popular, compreendeu-se que recorrer aos princípios extrafísicos, frente a uma necessidade de amparo, caracteriza-se como uma troca de fidelidades entre o santo e o indivíduo humano. Nesse contexto, a palavra, traduzida em orações e ditos, configura-se como parte fundamental do rito.

Palavras-chave: Palavra; Cultura popular; Religiosidade.

Abstract: in this article we aim understand the pragmatic force of the word, that is, the power that the word has to do happen, from the analysis of discourse cultural-religious of subjects from the rural community São Domingos, Catalão, Goiás, Brazil. The study starts with a theoretical research that discusses the most relevant issues about rural culture, religion and language. Then, was performed an indirect field survey to obtain data which constitute the inventory of words or language constructs that were used for analysis. In observance of the popular sacred terrain, it is understood that recourse to extraphysical principles, front of a need for protection, it is characterized as an exchange of fidelities between the saint and the human subject. Accordingly, the word, translated into prayers and sayings, is configured as a fundamental part of the rite.

Keywords: Word; Popular culture; Religiosity.

Introdução

O meio rural é palco de diversas manifestações de caráter popular que expressam muito do modo como o indivíduo vê, sente e significa a realidade: algumas dessas formas de expressão são o culto aos santos e outras práticas religiosas que se reproduzem no cotidiano. A fé assentada na religiosidade produz um conjunto de costumes percebíveis

¹ Artigo científico apresentado ao Departamento de Letras da Universidade Federal de Goiás, *Campus* Catalão, sob orientação da Profa. Dra. Maria Helena de Paula, como requisito para a obtenção de créditos na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso, ministrada pela Profa. Dra. Grenissa Bonvino Stafuzza.

² Graduando do 8º período do Curso de Letras - habilitação em Português e Inglês - da Universidade Federal de Goiás, *Campus* Catalão. E-mail: jozimarbernardo@yahoo.com.br.

principalmente na cultura rural, por exemplo, guardar os dias da semana santa, invocar nomes de santos em certos momentos para pedir socorro e proteção etc. Tais costumes não são meros acontecimentos do cotidiano rural, são práticas que fazem parte da lógica da vida destas pessoas, que é regida por essa crença estabelecida e manifestada através da linguagem, como também estão associadas ao vivido do grupo, inseridas nas suas relações socioculturais. Além disso, esses costumes compõem os laços que unem um ao outro, laços de amizade, parentesco, solidariedade, trabalho etc.

Este estudo é relevante, pois permite conhecer elementos da cultura rural relacionados à religiosidade, que ainda resistem preservados no patrimônio cultural dos sujeitos e, do mesmo modo, na língua por eles utilizada. A justificativa teórica fundamenta-se na importância de se reconhecer traços dessa religiosidade a partir da lógica do poder pragmático da palavra no contexto rural, uma vez que “[...] o sentido pragmático dos signos constrói-se no contato com o mundo dos fatos e confere-lhes o poder de intervenção na realidade.” (TEDESCO; VALVIESSE, 2009, p. 2).

A importância deste assunto para as Letras baseia-se principalmente na linguagem que se relaciona às práticas culturais ainda preservadas nas memórias de pessoas mais velhas viventes no meio rural. Percebe-se que não há preocupação e/ou ambiente propício para as gerações mais novas acessarem e conhecerem esses elementos da cultura, que tendem a desaparecer se não forem repassados. Assim, ao estudar esses aspectos e registrá-los, eles ficarão conservados para futuros interesses em se conhecer tais práticas que, um dia, poderão se extinguir. Para a formação acadêmica, o estudo contribui ao aperfeiçoamento em pesquisas na área de discurso cultural, como também, para conhecimento mais aprofundado em análise linguística no campo da Lexicologia.

O interesse por esse assunto se deve, em primeira instância, aos estudos prévios realizados em projetos de iniciação científica durante os períodos 2009-2010 e 2010-2011 sobre agricultura familiar e as relações socioculturais que estes produtores estabelecem entre si numa comunidade. Nestes estudos, foram feitas leituras sobre o meio rural e aspectos culturais, dentre eles, a religiosidade. Outro ponto que suscitou a ideia de pesquisar o discurso e a cultura rural foi o fato de pertencermos a esse mundo rural, o que torna a pesquisa uma oportunidade de conhecer mais profundamente a cultura da qual fazemos parte.

Assim, através do conhecimento da cultura do homem e da mulher rurais e da religiosidade que demonstram através do seu falar, com o suporte de leituras e da discussão teórico-conceitual sobre cultura rural e religiosidade, relacionados ao catolicismo popular, e da análise do discurso cultural-religioso, pretende-se entender a força pragmática conferida à palavra, que faz os pedidos e preces acontecerem, saírem do plano verbal para a sua realização no plano material.

Caminhos metodológicos

Uma pesquisa científica deve ser guiada por um método que assegure seu desenvolvimento de forma clara e objetiva. Segundo Santos (2004), a pesquisa científica é prioritariamente intelectual e a produção de conhecimentos é o resultado mais importante. De acordo com o autor, a construção do conhecimento desenvolve-se por etapas que se organizam num método, num caminho facilitador do processo.

Esse trabalho fundamenta-se em uma pesquisa teórica a partir da revisão bibliográfica (livros, artigos de periódicos, trabalhos de conclusão de curso, dissertações, teses e *sites*) que possibilitou abordar temas mais relevantes sobre cultura rural, religiosidade e linguagem. Nesse sentido, a teoria funciona, também, como meio de se compreender os sujeitos e seu contexto sociocultural.

Tendo em vista que a pesquisa propõe estudar a palavra, logo fez-se necessário um registro da linguagem dos sujeitos, escolhidos para pesquisa, a fim de compor o material de estudo. Para tanto, foi realizada uma pesquisa de campo indireta na comunidade rural São Domingos, em Catalão (GO), onde foram feitas visitas às casas dos sujeitos para conversar com eles sobre santos, religiosidade, ouvir suas histórias e, na oportunidade, fazer o registro da memória destas conversas em um “caderno de campo”, a qual constituiu o material de estudo.

A pesquisa com os sujeitos foi de caráter informal, posto que, por exigências do comitê de ética, o trabalho não pôde assentar-se em entrevistas ou registros orais das pessoas em estudo. Futuramente, na oportunidade de desenvolver uma pesquisa de mestrado, pretende-se aprofundar essa perspectiva com a pesquisa de campo direta.

Na Comunidade, foram visitadas cinco residências. Nestas, foram estabelecidas conversas com três senhoras de idade entre 50 e 80 anos, uma mulher de mais ou menos

45 anos, duas moças de idade entre 18 e 23 anos, e um casal com idades entre 60 e 75 anos. Percebe-se que há a predominância de mulheres, isso se justifica porque, no momento da pesquisa, os homens da casa estavam cuidando dos afazeres da fazenda.

As visitas foram feitas na companhia de minha mãe, que tem uma relação mais estreita com os sujeitos tomados para pesquisa, assim conseguimos manter um diálogo mais fluido, de maneira que as pessoas pudessem se expressar naturalmente ao falar de suas histórias, crenças, costumes etc. Logicamente, todos sempre foram esclarecidos de que eu pretendia, com a conversa, fazer as anotações para realizar a pesquisa de TCC na Universidade. Mesmo que essa investigação empírica não tenha caráter formal, manter a ética é imprescindível para quaisquer pesquisadores que se enveredem na empreitada de estudar dinâmicas de pessoas e/ou grupos sociais, mantendo-os cientes acerca do papel e objetivo do pesquisador e, conseqüentemente, da pesquisa.

Na ocasião da conversa, as pessoas fizeram uso de lexias simples (santo, fé, voto) e de lexias compostas ou complexas (Santa Bárbara, guardar dia santo). Por lexias simples compreendem-se as unidades léxicas formadas por morfemas, isto é, constituídas por uma palavra, em contrapartida, as lexias compostas ou complexas são formadas por mais de uma palavra (COELHO, 2008, p. 34). Justifica-se a pertinência desse comentário em função da natureza do trabalho, o qual está inserido no rol dos estudos linguísticos de lexicologia e que requer, para fins de coerência, o domínio dos conceitos supracitados.

Desta feita, com o material constituído, foi elaborado o inventário das palavras ou construções linguísticas que apontaram como a palavra tem força de tornar real a crença nela estabelecida. A partir desse inventário, num terceiro momento, fez-se a análise que o objetivo do presente trabalho sugere, ou seja, entender a força que a palavra ganha de fazer acontecer, pela fé, os pedidos dos devotos. Como é possível perceber, são três momentos da metodologia: *constituir o material de análise; constituir os dados; e a análise dos dados.*

O léxico, a palavra e sua força pragmática

Ao se estudar a língua de um povo, é imprescindível considerar os fatores extralinguísticos que influenciam o fenômeno da diversidade linguística e do sentido dado aos signos. Nesta concepção, Tedesco e Valviesse (2009, p. 2), quando tratam da

pragmática da linguagem, apontam que “[...] para bem mais além do âmbito do léxico e da sintaxe, existe todo um conjunto de fatores que, embora não se confunda com a palavra em si, tem o poder de participar da construção de seu sentido”. Isto é, no universo extralinguístico jazem circunstâncias, fatores históricos e culturais, convenções sociais etc., que contribuem para a constituição do sentido dado ao signo.

Neste contexto está a importância dos estudos lexicais relacionados à cultura, haja vista que, na concepção de Sapir (1969, p. 45), é o léxico que mais claramente reflete o ambiente físico e social dos falantes, “o léxico completo de uma língua pode se considerar, na verdade, como o complexo inventário de todas as idéias, interesses e ocupações que aqambarcam a atenção da comunidade [...]”.

Coelho (2006, p. 19), ao discutir alguns aspectos e dimensões da linguagem, entende que a linguagem é “[...] uma faculdade de simbolização e procedimento comunicativo, com a qual os homens dizem o mundo e se dizem uns aos outros [...]” e que ela permite um intercâmbio social mais profundo das experiências vividas coletiva ou individualmente. Assim, entende-se que a linguagem é um instrumento imprescindível ao homem, visto que é o meio pelo qual os sujeitos melhor se interagem socialmente e compartilham suas experiências. Ou seja, a linguagem é a expressão do universo extralinguístico e está representada nos signos linguísticos.

Biderman (1998), ao abordar sobre as dimensões da palavra, diz que esta pode ser analisada por vários ângulos, entre eles a autora explora sua dimensão mágica e religiosa. Para tanto ela retoma a tribos antigas que acreditavam na existência de um vínculo de essência entre o nome e a coisa ou objeto nomeado, podendo-se assim atuar magicamente sobre uma pessoa através de seu nome. Cita, por exemplo, a crença dos aborígenes de que, tendo conhecimento do nome de alguém, é possível praticar magia negra contra este. Segundo Biderman (1998),

Cada cultura foi ordenando, a seu modo, o caos primevo através de seus mitos. A *palavra* assume assim nos mitos de cada cultura uma força transcendental; nela deitam raízes os entes e os acontecimentos. Por ser mágica, cabalística, sagrada, a *palavra* tende a constituir uma realidade dotada de poder (BIDERMAN, 1998, p. 81, grifos da autora).

Então, nota-se que desde os primórdios o verbo possui esse ângulo da dimensão mágica e, no contexto da pesquisa, essa perspectiva auxilia para o entendimento do

poder atribuído à palavra em práticas do catolicismo popular em que é usada para fazer preces, pedir proteção etc. Exemplos como o batismo - “batizo esta criança”, e a sentença atribuída ao réu - “declaro o réu culpado”, são atos que só se consomem no ato da enunciação. Além disso, mostram que a força dada à palavra para consumá-los provém de fatores externos à linguagem e são resultantes de convenções estabelecidas pela comunidade falante que atribui ou não o sentido pragmático (TEDESCO; VALVIESSE, 2009, p. 2).

Uma vez que a proposta gira em torno do estudo da palavra, conseqüentemente se reporta ao estudo do léxico e da cultura que o transmite de geração a geração, dados os fatores extralinguísticos. Sobre a relação entre língua e cultura, Souza (2008), em seu estudo linguístico-histórico-cultural do município de Águas Vermelhas no Norte de Minas, tendo como foco o campo semântico do mundo rural, diz:

Sabemos que a língua está intimamente relacionada com a cultura de um povo e por meio dela que todo o conhecimento, valores e crenças adquiridas ao longo do tempo são transmitidos de geração a geração. É por meio do léxico que os traços culturais de um povo mais se evidenciam (SOUZA, 2008, p. 13).

Entende-se o léxico como inventário total de signos linguísticos disponíveis aos falantes de uma língua. Campo rico para os estudos da linguagem, o léxico é o patrimônio vocabular de todo saber linguístico de um povo, através do qual é transmitido todo conhecimento adquirido e acrescentado ao longo da história. Logo, falar sobre léxico é falar sobre o aspecto mais dinâmico de uma língua, que com o tempo vai se modificando, ampliando, outras vezes, caindo em desuso. Sendo o inventário total das palavras de uma língua (VILELA, 1994, p. 10), o léxico constitui o patrimônio vocabular de uma dada comunidade no decorrer de sua história (BIDERMAN, 2001, p. 14).

Segundo Biderman (2001, p. 13), ao abordar a relação entre o léxico e o processo de nomeação e cognição da realidade, o léxico de uma língua natural caracteriza uma forma de registrar o conhecimento do universo, pois, ao dar nome aos seres e objetos, o homem os classifica simultaneamente, estruturando o mundo que o cerca e rotulando essas entidades discriminadas. A autora salienta que “a geração do léxico se processou e se processa através de atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência, cristalizada em signos lingüísticos: as palavras”

(BIDERMAN, 2001, p.13). Dessa maneira, ainda com base em Biderman (2001), infere-se que ao associar palavras a conceitos, que simbolizam os referentes, o homem reporta os signos linguísticos ao universo referencial. Vilela (1994, p. 6), em seu estudo sobre lexicologia e semântica do português, corrobora com a autora supracitada ao destacar que “o léxico é parte de uma língua que primeiramente configura a realidade extralinguística e arquiva o saber linguístico duma comunidade”.

Sobre lexicologia, Biderman (2001, p. 16) destaca que os seus objetos básicos de estudo e análise são a palavra, a categorização lexical e a estruturação do léxico. Neste mesmo sentido, Vilela (1994, p. 10-11) afirma que a lexicologia estuda todos os aspectos das palavras de uma língua e que tem como objeto “o relacionamento do léxico com os restantes subsistemas da língua, incidindo sobretudo na análise da estrutura interna do léxico, na suas relações e inter-relações”.

Ante estas considerações, pode-se observar que a presente pesquisa volta-se justamente para a relação entre a língua e os fatores extralinguísticos, isto é, os aspectos da cultura rural expressos no léxico usado pelos sujeitos do estudo que permitiram entender a lógica da força pragmática concedida à palavra. E, ainda, abarca a memória que permite acessar os saberes constituídos no decorrer da vida das pessoas pesquisadas, os quais foram imprescindíveis ao estudo. Por conseguinte, o próximo tópico aborda acerca do catolicismo popular no meio rural como aspecto cultural constituído por ritos, crenças e costumes próprios do povo que convive nesse contexto.

O catolicismo popular no contexto rural

Junto à análise linguística, convém fazer um estudo teórico que fundamente as ideias acerca das variáveis *cultura*, *catolicismo popular* e *meio rural*. Segundo Brandão (1980, p. 182), em sua pesquisa sobre religião popular, “o sistema religioso torna-se, na prática, ritualístico e os seus rituais são as cerimônias da pessoa, da família ou da comunidade [...]”. Assim, consideram-se os costumes de caráter religioso como práticas culturais que se realizam em ritos, atos que podem ser individuais ou coletivos.

Todos esses costumes não acontecem simplesmente no dia a dia e fazem parte da lógica da vida dessas pessoas que é regida por essa crença estabelecida e manifestada através da linguagem. Inserida nesses costumes está a crença nos santos do culto

católico. Sobre isso, Tedesco (1999), em suas pesquisas concernentes à terra, ao trabalho e à família dos colonos no sul do Brasil, diz que:

Os santos fazem parte do cotidiano não só religioso, estando também ligados à morte, às plantações, às curas, aos castigos, às benesses, à vida afetiva e social; enfim, marcam presença no vivido do colono e da comunidade social, bem como repercutem na normatividade familiar (TEDESCO, 1999, p. 77).

Então, a religiosidade presente na devoção aos santos enquanto prática coletiva ou individual interfere na vida e faz parte do cotidiano dos indivíduos que, baseados na crença, conduzem suas ações e seu vivido. Tais práticas culturais se integram ao vivido do grupo a que serve, pois, se inserem nas suas relações sociais, econômicas, religiosas etc. (PAULA, 2008, p. 264). Nesse sentido, Machado (2002, p. 338) diz que “[...] cultura é expressão de vida, portanto, é vida e não apenas simbologia de um tempo.” Ou seja, as formas como a cultura popular se expressa vão além do misticismo, ela é também meio pelo qual as pessoas se utilizam para expressar suas experiências e vivências.

Sobre cultura popular, em primeira instância, Machado (2002, p. 335) a define como “[...] todas aquelas práticas e representações culturais vivenciadas no cotidiano de atores sociais específicos, distantes do racionalismo científico, como forma de recriação do universo: crenças, hábitos, costumes, conhecimento”. Ao olhar a cultura por uma perspectiva semiótica pode-se defini-la, na concepção de Geertz (1989, p. 15), “[...] não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado [...]”. Portanto a cultura é importante para se compreender o comportamento dos indivíduos na sociedade, pois, como considerou Geertz (1989), baseado na visão de Max Weber, o homem é um ser amarrado a teias de significados que ele próprio teceu e essas teias são a cultura e sua análise. Essa ideia corrobora que a cultura de um povo, comunidade etc., é fonte para maior compreensão de seu modo de vida e de seus atos cotidianos.

Novamente é pertinente dizer que esse estudo, em específico, trata da cultura rural e da religiosidade presente nesse meio como fator cultural de notável importância para a lógica da vida das famílias. No presente caso, aquelas que residem na comunidade São Domingos no município de Catalão, da qual faço parte e onde foi realizada a pesquisa.

A fé se manifesta tanto materialmente quanto linguisticamente. As crenças aos santos, por exemplo, se revelam em festas de louvor, terços, benzeções etc. Neste conjunto, convém citar Duarte (2008), que investiga a reza do terço em celebrações religiosas populares católicas em determinadas comunidades rurais de Catalão (GO). Para Duarte (2008, p. 53), a reza do terço, em manifestação religiosa popular, funciona como uma forma de resistência à cultura dominante, além de ser um reforço da cultura popular do grupo que o pratica. Assim, “[...] a fé popular como um mecanismo de resistência sociocultural [...] se recria por meio de rituais estabelecidos mediante contato com o sagrado, recriando, por sua vez, a consciência coletiva” (DUARTE, 2008, p. 54). Ademais, para a presente pesquisa, a autora supracitada acrescenta que “[...] a prática religiosa do subalterno confere proteção, acesso ao mistério, magia e até mesmo milagre aos fiéis” (DUARTE, 2008, p. 42).

Concretamente, as formas de expressão da fé encontradas nas casas visitadas durante a pesquisa de campo apresentaram-se em estatuetas e quadros de imagens de santos, rosários, oratórios, entre outros elementos que compõem a ornamentação de altares e recintos dedicados à fé. Linguisticamente, a expressão da fé pôde ser identificada no próprio falar dos sujeitos, desde o pedido e concessão de bênção, à chegada, ao “vai com Deus”, no momento da partida.

Tudo isto está preservado na memória enunciada em narrativas orais, isto é, se realizam linguisticamente. No sentido pragmático, pode-se dizer que a palavra deixa de ser instrumento de conhecimento do homem e, compreendida como ação, assume o poder de intervenção sobre o mundo, ou seja, o ato de fala também funciona como ato de criação (TEDESCO; VALVIESSE, 2009, p. 1).

Nessa lógica da linguagem como memória e tecido de cultura, Pires Ferreira (1994/95, p. 117, grifo da autora), em seu estudo sobre cultura e memória baseando-se em Iúri Lotman, afirma que a cultura é um feixe de sistemas semióticos (linguagens) formalizados historicamente e que, ainda, “[...] é informação, codificação, transmissão, memória, e conclui, de forma a não deixar lapsos: *somente aquilo que foi traduzido num sistema de signos pode vir a ser patrimônio da memória [...]*”. Enfim, memória é cultura, posto que, como parte do patrimônio da memória, está traduzida e inscrita no sistema linguístico. No contexto deste estudo, sobre a força da palavra de fazer acontecer, a cultura popular católica está claramente expressa na linguagem dos sujeitos

quando usam a própria língua para invocar as entidades, fazer as orações, pedidos etc. Para completar, Pires Ferreira (1994/95) diz que a comunicação com outrem só acontece se houver um grau de memória comum, logo essas práticas fazem sentido quando estão inseridas no sistema linguístico, patrimônio da coletividade.

Sobre memória, compartilha-se da ideia de Schinelo (2004, p. 132, grifo da autora), em sua abordagem das concepções de memória sob o ângulo da oralidade, de que “navegar pelo oceano da *memória* é mergulhar nas águas profundas e não transparentes dos consensos ou desacordos sobre o termo”. Desse modo, a variável memória configura-se como um âmbito movediço que mantém perspectivas variadas e afirmações que mudam conforme mudam as relações entre sujeito, linguagem e história. Pensando assim, convém destacar que,

Considerando todo sujeito constituinte e constituído na linguagem e considerando a linguagem em sua natureza dialógica, podemos afirmar que a memória, mesmo sendo individual, insere-se numa coletividade, ou seja, faz parte de uma teia de sentidos formada a partir de outros sentidos anteriormente construídos. Assim, toda memória individual traz consigo reflexos da coletividade (SCHINELO, 2004, p. 133).

Portanto, pensa-se a memória enquanto patrimônio da coletividade e, assim, os sentidos dados aos signos se constroem e se reconstroem à medida que os saberes passam de geração a geração, mediante a comunicação linguística, dentro das comunidades culturais. Dessa forma, a cultura ingressa como algo aprendido com as pessoas no meio de vivência. Ainda com base em Schinelo (2004, p. 137), a memória coletiva é tida “[...] como ritual, como o vivido, o performativo que alimenta e mantém íntegra a comunidade cultural”, são manifestações tais como rituais para recuperar algo perdido, para resguardar-se de algum perigo, pedir alguma coisa que se almeje etc. Sob a ótica da memória coletiva como tradição, os acontecimentos são mantidos vivos por meio do acontecimento da linguagem, que se dá no momento em que os sujeitos recriam o acontecimento durante a narrativa (SCHINELO, 2004, p. 137).

Um exemplo de fé, capaz de “materializar” a crença expressa na palavra, é a devoção à Santa Bárbara, cuja atribuição é proteger contra raios e tempestades. É comum em situações de tempestade, quando cai um relâmpago, a pessoa pedir a proteção à santa aclamando seu nome, assim o crente confia que invocou seu amparo contra os perigos decorrentes da chuva forte. Ou seja, ao pronunciar o nome da entidade

divina o sujeito crê estar resguardado. Isto constitui uma amostra da força que a palavra tem de fazer acontecer.

Cabe aqui abrir parêntese para caracterizar crença como “atitudes para com as ditas representações, relação pessoal e coletiva com seres transcendentais, em referência às necessidades básicas da população” (IRARRÁZAVAL, 1992, p. 160). Com relação ao exemplo supracitado, o amparo em momentos de risco torna-se a necessidade que leva os sujeitos a recorrerem às entidades transcendentais, no caso em discussão, os santos católicos. É, portanto, o caráter providencial da fé, que só se manifesta linguisticamente.

É interessante notar que na história de Santa Bárbara há elementos relacionados aos raios: a Santa por ser seguidora do Cristianismo foi decepada pelo próprio pai, que era pagão, e após o ato foi atingido por um raio como castigo pela maldade que cometera³. Então, percebe-se uma coerência entre a fé daquele que crê e a história da santa. Além desse caso, há a crença em outros santos como São Brás, quem tem o poder de desengasgar; São Jerônimo, protetor contra tempestades; São Pedro, provedor de chuva; N. Senhora da Abadia, N. Senhora Aparecida e as demais representações de Maria; Santo Antônio, o casamenteiro; São Francisco, protetor dos animais; São Bento, protetor contra cobras etc. A respeito das entidades sacralizadas, Brandão (1980) observa:

Todos os sujeitos celestes um dia humanos possuem uma biografia que faz a sua identidade sagrada e um repertório de narrativas de prodígios que lhes atribui o poder sagrado acreditado. Por haverem sido sujeitos do mundo, Jesus, “sua mãe” e todos os santos tornam terrena a sociedade celeste para onde foram, redefinidos para sempre, mas sem perderem a imagem e os atributos terrenos (BRANDÃO, 1980, p. 181, grifo do autor).

Eis porque os atos dos santos enquanto humanos foram-lhes conferidos mesmo após santificação. A partir disso, fica evidente a relação do prodígio atribuído ao santo e fatos da sua biografia. No contexto aqui proposto, a ação centra-se na troca de fidelidades entre o santo e o indivíduo humano, que entra com a fé, a devoção piedosa, a súplica e a resignação (BRANDÃO, 1980, p. 173).

³HISTÓRIA de Santa Bárbara. Apresenta a história de santa Bárbara. Disponível em: <<http://www.ruadasflores.com/stabarbara/>>. Acesso em: 12 set. de 2011.

Convém analisar estas práticas sem perder o enfoque científico que a pesquisa propõe. Segundo Brandão (1980), a religião, na visão da cultura camponesa, é uma das melhores formas de se explicar tudo, pois é possuidora do recurso do mistério para justificar o que é difícil de ser explicado e, às vezes, o próprio mistério é a melhor explicação. Portanto, procura-se estudar a força pragmática da palavra através de uma análise linguística que não se detém em exaustivas explicações sobre os numerosos pontos de vista que buscam esclarecer o fenômeno.

De acordo com Irarrazával (1992, p. 132), aqueles que se propõem observar criticamente o terreno do sagrado de um povo pobre, podem colaborar, à medida que se aproximam da lógica e da sensibilidade popular. Portanto, olha-se esse povo com as lentes da ciência, mas deixando-se interpelar pelos conteúdos simbólicos; rede de referências que oferece vários significados. No mesmo sentido, Woortmann (2004) observa que para entender o mundo camponês deve-se compreendê-lo nos seus próprios termos, mesmo que não se consiga abarcar toda plenitude de seu saber.

Considerando-se o campesinato como “um termo genérico, aplicável a diferentes realidades sociais marcadas pela tradição e pelo enraizamento local” (MARQUES, 1992, p. 154), os sujeitos escolhidos para pesquisa se integram nesse contexto porque vivem em um mundo marcado pelas tradições, costumes e valores enraizados na sua cultura e nas relações que estabelecem entre si dentro da comunidade. Assim, para entendê-los é necessário ver o mundo através dos “óculos” pelos quais eles o leem (WOORTMANN, 1992, p. 142). É preciso ressaltar que para o desenvolvimento dessa pesquisa, devido às impossibilidades de fazer pesquisa de campo direta, os sujeitos foram encontrados para uma conversa informal, ocasião na qual foram feitas anotações em um “caderno de campo”, com intuito de compor o material de análise.

Compreende-se que a relação entre linguagem e cultura fica evidente nesse estudo sobre o catolicismo popular correlacionado ao credo nos santos como entidades possuidoras de um poder que pode ser invocado ao se chamar seu nome, ou seja, o uso da linguagem pragmática, aquela capaz de fazer acontecer. A palavra, sob este viés, ganha uma dimensão mágico-religiosa que transcende o mundo natural e a essência, aquilo que é nomeado, ganha existência.

No estudo em que traz anotações antropológicas sobre o catolicismo popular, Brandão (1992, p. 105) afirma ser a ética do catolicismo do povo latino-americano

abertamente relacional, pois “dirige-se a feixes de relações cotidianas entre pessoas, familiares, parentes, vizinhos e amigos, companheiros de vida e de trabalho; dirige-se a feixes de relações entre pessoas terrenas e pessoas sagradas [...]”. Justamente as relações encontradas no meio rural, no seio da comunidade, onde existem laços de reciprocidade que se constroem na dinâmica das pessoas que lá vivem e compartilham ações e conhecimentos a partir da ordem moral na relação com a natureza e com os princípios extrafísicos (religiosos). Para completar sua ideia, Brandão (1992) diz que

Quando compreendemos o Catolicismo Popular como um inteligente mapa social e simbólico de tramas e teias de relações entre vivos e mortos; entre vivos, mortos “comuns” e os santos de Deus; entre os seres vivos e os mortos (na verdade, nunca mortos), e os santos de Deus, fica bastante fácil compreender os princípios de sua ética (BRANDÃO, 1992, p. 106, grifo do autor).

A partir dessas colocações ficam mais claras as pretensões do presente trabalho, visto que é no campo o lugar onde se encontra maior predomínio das relações de reciprocidade e solidariedade criadas entre os sujeitos numa comunidade, e entre eles e o plano extrafísico. Na ótica de Marques (2004, p. 145), a vida do camponês é um modo de vida tradicional, organizada através de relações pessoais e imediatas construídas ao redor da família e de vínculos de solidariedade que têm como unidade social básica a própria comunidade. Sob a perspectiva do excerto supracitado, essas relações transcendem o mundo físico e se dão também entre os seres vivos e os seres mortos, em outras palavras, entre humanos na terra e os santos de Deus. Diante disso, a próxima seção trata das questões de linguagem levantadas na pesquisa de campo e, valendo-se da memória destas, é feita a análise previamente proposta.

A expressão da fé na comunidade São Domingos: a força da palavra

A comunidade São Domingos insere-se na zona rural do município de Catalão (GO), espaço relevante à pesquisa por possuir comunidades dotadas de traços socioculturais que podem contribuir para o desenvolvimento deste estudo, pois existem pessoas que ainda mantêm costumes, crenças e práticas culturais que permitem fazer a análise sugerida. Distando-se 30 km da sede municipal, a comunidade São Domingos se localiza na parte nordeste de Catalão (GO) e possui duas vias de acesso: a GO-220, que

liga Catalão ao município de Davinópolis (GO), e a BR-050, que liga Catalão à Brasília (DF). É dividida em São Domingos I (comunidade de cima) e II (comunidade de baixo), sendo que a área de estudo selecionada é o nucleamento do Centro Comunitário da comunidade São Domingos I, cujo nome deve-se ao seu santo padroeiro, São Sebastião (VENÂNCIO, 2008).

De acordo com Venâncio (2008, p. 110), que fez um estudo acerca da importância política, econômica e cultural da agricultura familiar na comunidade rural São Domingos em Catalão (GO) a partir da leitura do território, as primeiras famílias da região chegaram e “[...] construíram e demarcaram ali seus territórios de uma forma bem rudimentar, formando um núcleo social que perpetua até os dias de hoje”. Em sua investigação, o autor, servindo-se da memória dos moradores antigos, constatou que parte das pessoas de lá advieram de comunidades vizinhas, aproximadamente, por volta do final do século XIX em busca de terra boa e com bom preço (MENDES, 2005 *apud* VENÂNCIO, 2008, p.115). Estas informações já servem para contemplar aspectos históricos da comunidade São Domingos, visto que não é intuito do presente trabalho, para o momento, resgatar as origens da constituição da Comunidade.

O momento das visitas foi fulcral para a elaboração desta análise, afinal foi a memória revelada nos relatos dos sujeitos que permitiu acesso a seus saberes, fatos e experiências, os quais foram utilizados para, em conjunto à teoria, alcançar o objetivo traçado. Os diálogos remeteram-se sempre aos assuntos religião, santos de devoção e práticas próprias da religiosidade popular. Assim, conforme os fatos eram narrados, foram feitas anotações em um “caderno de campo” que, depois de selecionados os tópicos mais coerentes ao estudo, apresentam-se a seguir.

No contexto da crença nos santos católicos, um relato interessante foi de uma senhora que contou que, antigamente, quando se dava falta de animais no pasto ou algo desaparecesse, era costume escrever o nome de São Cipriano em uma porteira e dizer: *São Cipriano tenho [coisa perdida] sumido, enquanto isso não aparecer seu nome vai escrito e lido*. Segundo ela, o santo não gosta de ter seu nome escrito, então logo que se obtivesse o pedido devia-se “corrê e apagá o nome dele”. Assim, constata-se que a palavra precisa ser dita para que o “rito” se realize e, além disso, há um requisito pós concessão que precisa ser cumprido a fim de não desagradar o santo e, de tal modo, respeitar sua vontade.

Além desta história, houve outros relatos de maneiras pelas quais as pessoas recorrem aos santos em busca de ajuda para encontrar algo sumido, como, por exemplo, o apelo a São Longuinho, também chamado de São Minguim por algumas pessoas. Uma senhora contou que se deve pegar alguma coisa e amarrá-la com um cordão - “amarrá o rabo do santo” - e dizer: *vou pegar com você e vou te amarrar até achar* [coisa perdida], “ai soca debaixo do pilão até achá”, quando achar, desamarra, “solta o santo” e dá três pulinhos ou três gritos. Novamente uma oração, a palavra, se insere como parte importante do rito que também mistura atos ritualísticos com uso de elementos materiais, e tem condição pós-concessão, o que evidencia a reciprocidade entre o ser transcendente, que concede o pedido, e o crente.

Sobre São Jerônimo e Santa Bárbara, todos os sujeitos pesquisados remeteram a esses santos como protetores contra raios e chuvas fortes. Segundo os relatos, como já foi dito nesse estudo, os nomes dos santos supracitados são pronunciados quando o risco é eminente, assim a pessoa crê estar resguardada pela entidade. Com a licença de expressar também um pouco de minha memória, em minhas vivências, na época que morei na comunidade, recordo que minha avó sempre “chamava o nome do santo” na situação descrita para “livrá dos estralo” (raios). Além de aclamar o nome dos santos, ela costuma acender uma vela e, outras vezes, queimar palha de trança de alho no fogo da fomalha para, conforme acredita, abrandar a chuva forte.

Ainda nesse contexto da proteção, houve um relato sobre São Silvestre como o santo que pode “espantá as vaca”, para tanto é aconselhado fazer a oração: *São Silvestre, tira a camisa e veste e não deixa que essa vaca me investe*. Nota-se que o tom poético expresso pela rima entre “veste” e “investe” (no sentido de atacar) demonstra cuidado para com o modo de dizer. A senhora que o contou disse que sua avó falava essa oração, “apegava com o santo”, quando se deparava com uma vaca brava no caminho e, assim, protegia-se da ameaça que se apresentara.

Outro perigo comum, principalmente nas áreas rurais, são as cobras, logo não poderia deixar de ter um santo que resguarde desse risco. Em uma das minhas conversas, uma senhora fez questão de pegar uma oração guardada dentro de uma latinha, sobre um armário da cozinha, que reza: *A cruz de São Joaquim e Santa Catarina e a cruz de São Bento, livrai-nos dos bichos maus e peçonhentos. Amém*. Segundo informou, sempre quando vai ao quintal à noite ou vai “andá no pasto”

costuma rezar a oração para “livrá das cobra”. Além disso, complementou aconselhando que se tenha um pé de guiné (planta medicinal) no quintal para espantar as cobras. O santo mais citado como protetor contra as cobras foi São Bento. Em sua história de vida, consta que o santo por duas vezes sofreu tentativas de envenenamento pelos monges do mosteiro em que era abade, porém ambas falharam e, em uma delas, da taça com o vinho envenenado saiu uma serpente e a taça se fez em pedaços. Tal passagem vem de encontro ao que foi dito sobre os fatos da vida e prodígios dos santos, enquanto mortais viventes na Terra, ser-lhes associados depois de mortos e santificados.⁴

Referiram-se também a São Brás como o santo protetor contra doenças da garganta. Outra senhora contou que quando alguém come alguma coisa, por exemplo, peixe, e fica “entalado” a solução é estapear nas costas dela e gritar “São Brás” para desengasgá-la. O referido santo foi mártir e morreu degolado; logo, evidencia-se, mais uma vez, a coerência entre o “poder” do santo e fatos de sua história. Interessante notar que mesmo distantes do cientificismo e da cultura letrada, os homens e mulheres rurais, de certa forma, possuem conhecimento acerca da vida dos santos e se utilizam disso para reforçar sua fé.

Além dos já citados, houve outros relatos que versavam sobre santos protetores, como São Sebastião, protetor dos quintais da casa, dos pastos; São Lourenço, protetor contra os perigos provenientes do fogo; Santa Luzia, protetora dos olhos; São Bento, protetor contra cobras; São Bartolomeu; protetor contra as doenças de pele, bem como as representações de Maria, mãe de Jesus, em Nossa Senhora da Abadia e Nossa Senhora Aparecida (santa “forte” na Comunidade). Foi mencionado, também, o “anjo da guarda” como entidade protetora. São Lourenço, em específico, nas vezes que foi citado, constantemente teve a sua história de vida contada para demonstrar o porquê ele é considerado o santo que pode “defendê do fogo”. Segundo relata sua biografia, o santo mártir foi submetido a uma grelha sobre chamas e ainda teve força para dizer “vira-me que já estou bem assado deste lado”⁵. Para os sujeitos isso representa o poder da fé, sendo assim eles buscam nela e na expressão da palavra para manifestá-la, o meio para “acionar” os prodígios conferidos ao santo.

⁴SÃO BENTO. Apresenta a biografia de são Bento. Disponível em: <<http://www.catolicismoromano.com.br/content/category/4/27/42/>>. Acesso em: 19 dez. 2012.

⁵SÃO LOURENÇO. Apresenta a biografia de são Lourenço. Disponível em: <<http://www.cancaonova.com/portal/canaais/liturgia/santo/index.php?dia=10&mes=8>>. Acesso em: 19 dez. 2012.

Durante as conversas, ainda foram ditas lexias complexas como “agarrá com Deus”, “apegá com o santo” e “o poder da fé”, que também permitem entender como as pessoas creem que as entidades extrafísicas podem protegê-las e que a fé, assim como o uso da palavra, é importante para que isso se firme. Para eles, “tem que ter devoção para que Deus proteja” e, com tom de decepção, reclamam e questionam que “hoje o povo não lembra de Deus, no sufoco recorre a quem?”. Sobre os costumes que exprimem respeito aos valores religiosos, como guardar dias santos, os sujeitos alegam que “hoje em dia só lembra, não guarda o dia como antigamente, não respeita mais”. Assim, infere-se que há uma necessidade que leva a pessoa a ter essa conduta de fidelidade recíproca, respeito e devoção pelas entidades tidas como sagradas, pois enquanto transcendentais são capazes de intervir na normatividade cotidiana e atender aos anseios dos que creem, que entram com a fé e com a palavra, parte fundamental do rito, traduzida em orações e ditos que reportam aos seres extrafísicos e aos seus prodígios.

Considerações finais

Perante o discutido, entendemos que as práticas e representações culturais vivenciadas no dia-a-dia de sujeitos rurais funcionam como forma de recriação do universo, através de suas crenças, hábitos, costumes e conhecimento. Tais costumes não são meros acontecimentos do cotidiano, eles fazem parte da lógica da vida dessas pessoas que é regida pela crença estabelecida e expressa por meio da linguagem. Em suma, são práticas culturais que se integram ao vivido do grupo, uma vez que também são parte do patrimônio da memória coletiva e se reproduzem através dos atos de linguagem.

Com relação à força da palavra, no sentido pragmático, percebemos que ela deixa de ser elemento da sabedoria do homem e, compreendida como ação, adquire o poder de intervir sobre o mundo. Sobre a questão do pedir proteção aos santos em momentos de risco, o compreendemos como uma necessidade que induz os sujeitos rurais a recorrerem aos princípios extrafísicos. Caracteriza-se como uma troca de fidelidades entre o santo e o indivíduo humano, que entra com a fé, a devoção piedosa e a rogativa. Nesse contexto, a palavra assume uma dimensão mágico-religiosa que transcende o mundo natural e é capaz de intervir no plano real.

Outro ponto importante é aprendermos que quando nos propomos observar criticamente o terreno do sagrado de populações rurais marcadas por uma religiosidade diferente daquela estabelecida pelo catolicismo oficial, podemos colaborar à medida que nos aproximarmos da lógica e da sensibilidade popular. A nós ficou esclarecido que, para entendermos o mundo camponês, marcado pelas tradições, costumes e valores enraizados na sua cultura e nas relações que estabelecem entre si dentro da comunidade, devemos compreendê-lo através de sua ótica, mesmo que não alcancemos toda plenitude de seu saber.

Este estudo caracteriza-se com um entendimento basal deste assunto que requer, ainda, buscar outras fontes e perspectivas teórico-metodológicas que apontem de maneira aprofundada como funciona o fenômeno linguístico da força pragmática da palavra. Para tanto, uma pesquisa de campo direta na Comunidade São Domingos, ou em outra que também apresente traços de cultura popular religiosa coerentes aos objetivos do estudo, e que abranja uma amostra maior de sujeitos para pesquisa, certamente resultará num trabalho capaz de expor mais detalhadamente as tramas, lógicas e sentidos envolvidos no processo da linguagem, associada aos fatores extralinguísticos, à medida que nos enveredamos pelas memórias e pela cultura dos homens e mulheres rurais. Nesse sentido, firma-se o anseio em dar continuidade à pesquisa, que se faz laboriosa, mas, ao mesmo tempo, prazerosa.

REFERÊNCIAS

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.) **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. 2 ed. Campo Grande: EDUFMS, 2001, p. 13-22.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Dimensões da palavra. **Filologia e Linguística Portuguesa**, São Paulo, n. 2, p. 81-118, 1998. Disponível em: <www.fflch.usp.br/dlc/lport/flp/images/.../FLP2/Biderman1998.pdf>. Acesso em: 25 de ago. de 2012.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Anotação antropológica. In: GONZÁLEZ, José Luís; BRANDÃO, Carlos Rodrigues; IRARRÁZAVAL, Diego. **Catolicismo popular: história, cultura, teologia**. Petrópolis: Vozes, 1992. (Coleção Desafios da religião do povo). p. 80-127.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os deuses do povo: um estudo sobre a religião popular**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

COELHO, Braz José. **Linguagem**: conceitos básicos. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2006.

COELHO, Braz José. **Linguagem**: lexicologia e ensino de português. Catalão: Kaio Gráfica e Editora, 2008.

DUARTE, Aline do Nascimento. **A preservação da identidade sociocultural por meio de práticas discursivo-religiosas em contextos rurais**. 2008. 200 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

HISTÓRIA de Santa Bárbara. Apresenta a história de santa Bárbara. Disponível em: <<http://www.ruadasflores.com/stabarbara/>>. Acesso em: 12 set. de 2011.

IRARRÁZAVAL, Diego. Apreciação crente. In: GONZÁLEZ, José Luís; BRANDÃO, Carlos Rodrigues; IRARRÁZAVAL, Diego. **Catolicismo popular**: história, cultura, teologia. Petrópolis: Vozes, 1992. (Coleção Desafios da religião do povo). p. 129-244.

MACHADO, Maria Clara Tomaz. Cultura popular: um contínuo refazer de práticas e representações. In: PATRIOTA, Rosângela; RAMOS, Alcides Freire. (Orgs.). **História e cultura**: espaços plurais. Uberlândia- MG: Aspectus, 2002. p. 335-345.

MARQUES, Marta Inez Medeiros. Lugar do modo de vida tradicional na modernidade. In: OLIVEIRA, Arioaldo Umbelino de; MARQUES, Marta Inez Medeiros. (Orgs.). **O campo no século XXI**: território de vida, de luta e de construção da justiça social. São Paulo: Casa Amarela e Paz e Terra, 2004. p. 145-157.

PAULA, Maria Helena de. Considerações breves sobre cultura rural. **Revista Opsis**. v. 8, n. 11 (outubro 2008). Catalão: Universidade Federal de Goiás, 2008, p. 258 – 274. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/Opsis/article/view/9364/6456>>. Acesso em: 12 de maio de 2011.

PIRES FERREIRA, Jerusa. Cultura é memória. **Revista USP**, São Paulo: CODAC, n. 24, p. 115-120, Dez. Fev. 1994/95. Disponível em: <http://www.intermidias.com/jerusal/textos/ArtigoJerusaPiresFerreira_Cultura%20e%20Memoria_Intermidias8.pdf>. Acesso em: 25 de nov. de 2012.

SANTOS, Antônio Raimundo dos. **Metodologia científica**: a construção do conhecimento. 6. ed. revisada. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

SÃO BENTO. Apresenta a biografia de São Bento. Disponível em: <http://www.catholicismoromano.com.br/content/category/4/27/42/>>. Acesso em: 19 dez. 2012.

SÃO LOURENÇO. Apresenta a biografia de São Lourenço. Disponível em: <<http://www.cancaonova.com/portal/canais/liturgia/santo/index.php?dia=10&mes=8>>. Acesso em: 19 dez. 2012.

SAPIR, Edward. Língua e ambiente. In:_____. **Linguística como ciência**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1969 [1921]. p. 43-62.

SCHINELO, Rosimar de Fátima. **Memória oral**: A mítica arte de tecer palavras. 2004. 234 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2004.

SOUZA, Vander Lúcio de. **Caminho do boi, caminho do homem [manuscrito]**: o léxico de Águas Vermelhas – Norte de Minas. Dissertação de mestrado. Faculdade de Letras, UFMG. Belo Horizonte, 2008.

TEDESCO, José Carlos. **Terra, trabalho e família**: racionalidade de produção e *ethos* camponês. Passo fundo: UPF, 1999.

TEDESCO, Silvia Helena; VALVIESSE, Karla Soares Pereira. Linguagem e criação: considerações a partir da pragmática e da filosofia de Bergson. **Arq. bras. psicol.** Rio de Janeiro, v. 61, n. 2, ago. 2009 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672009000200002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 09 set. de 2011.

VENÂNCIO, M. **Território de esperança**: tramas territoriais da agricultura familiar na comunidade rural São Domingos em Catalão (GO). 2008. 178 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2008.

WOORTMANN, Ellen Fensterseifer. O saber tradicional camponês e inovações. In: OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de; MARQUES, Marta Inez Medeiros. (Orgs.). **O campo no século XXI**: território de vida, de luta e de construção da justiça social. São Paulo: Casa Amarela e Paz e Terra, 2004. p. 133-143.